

KANINDÉS DE ARATUBA: A HISTÓRIA CONTADA ATRAVÉS DO MUSEU E DOS RELATOS ORAIS

Thais Karine Madeiro de Queiroz
Email: thais18queiroz@gmail.com

INTRODUÇÃO

A história dos índios do nordeste desde sempre é abafada e considerada como se não existisse, como se não houvesse índios na região, principalmente no Ceará. A história contada sempre é a de sua conquista, do ponto de vista do outro, do colonizador, não dos próprios indígenas ou remanescentes. Sua identidade étnica, sua cultura, foram suprimidas pela colonização e pelas marcas que esta deixou.

A trajetória dos indígenas é marcada pelas lutas por reconhecimento de sua identidade, de sua etnia, pelas lutas para conter as invasões dos posseiros e latifundiários em suas terras. Estes povos viviam em silêncio, “escondidos” para que não sofressem perseguições, mas a partir da década de 30, a luta pelo reconhecimento étnico começou e não cessou desde então. No entanto, no Ceará, a mobilização dos movimentos pela causa indígena começou em 1980, quando os indígenas iniciaram o seu enfrentamento a todos os seus opressores, e acabaram com o “mito” de que não havia/nem há índios no Ceará.

Entre vários povos indígenas existentes em nossa região, enfatizo os Canindés. Este povo descende da raça Tapuia e do tronco indígena Tarairiú, sendo os Tarairiú um grupo muito extenso e que sofreu duras consequências – assim como todos os povos indígenas – com o processo colonizatório, principalmente por se opor aos portugueses, aliando-se até mesmo aos holandeses como, por exemplo, no processo de invasão que ocorreu em 1637 resultando na tomada do Forte de São Sebastião.

Entretanto, com a perda de terras para os portugueses e o encurralamento dos indígenas, o chefe Canindé solicitou uma sesmaria ao governador de Pernambuco garantindo assim terras para o seu povo mesmo que sob laços de vassalagem. A partir desse momento, os Canindés passam por vários movimentos migratórios, deslocando-se por várias regiões até chegar ao município de Baturité que se chamava Monte-Mor, de onde temos os últimos registros de onde eles moraram antes de passarem a morar

fixamente na região do município de Aratuba e também por algumas regiões do município de Canindé.

Mas o povo, que agora denomina-se Kanindés, não é fruto apenas daqueles índios Canindés que ali chegaram. Por meio dos relatos orais dos mais velhos da comunidade, percebemos que por aquela região havia um fluxo de pessoas em direção ao sertão da cidade de Canindé ou até mesmo fugindo da seca que assolava o sertão. A partir dessas migrações e desse fluxo de pessoas que o povo Kanindés de Aratuba foi se formando. Por isso que a história oral se faz tão importante, pois no contexto de uma comunidade étnica em que não há registros documentados de sua formação, a oralidade e as narrativas dão conta de explicar os acontecimentos que ocorreram naquela região.

Hoje os Kanindés já são reconhecidos como comunidade indígena e possuem um museu – que é referência para os museus indígenas no Ceará – dos objetos e artefatos encontrados ou feitos na comunidade, sendo este muito importante para o povo Kanindé, pois representa uma forma de resistência e de preservação da cultura. É um centro de referência que estabelece o olhar dos próprios índios.

OBJETIVOS

A princípio, a proposta inicial deste estudo era apenas abordar as questões que envolvem o Museu dos Kanindés, mas decidi não me limitar apenas aos objetos e ao espaço físico do museu e sim aproveitar o que havia também de importante, que era a história viva da comunidade, contada pelos mais velhos do local e vivenciada por todos do lugar.

Destarte, o objetivo deste estudo é abordar e repassar a história dos índios Kanindés de Aratuba, mostrando como se deu e se dá o processo de afirmação étnica e identitária destes sujeitos. A principal finalidade deste trabalho é contar a história dos índios Kanindés, e como sua trajetória é vista e afirmada através dos objetos do museu indicando como esse lugar se faz importante para este grupo, mostrando também como suas narrativas são importantes para esta etnia, já que sua história não é muito conhecida e o seu processo de reconhecimento e afirmação ter apenas vinte anos, muito recente em comparação com outras etnias.

METODOLOGIA

A metodologia usada neste trabalho consiste na pesquisa bibliográfica, em que me baseio basicamente no estudo da dissertação de mestrado, **Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará**, de Alexandre Gomes, que estudou a comunidade, e sua dissertação concede uma grande fonte material da história dos Kanindés, como também outros autores que estudaram ou estudam os índios tanto do Nordeste quanto do Ceará, tais como, João Pacheco de Oliveira, Amanda Santos Soares, entre outros. Também foi usado o método da etnografia e a pesquisa de campo, no qual temos como referência Bronislaw Malinovski, que foi de fundamental importância para as leituras antes de ir a campo, pesquisas estas que foram enriquecidas com entrevistas e fotos colhidas durante as visitas à comunidade, e para nortear as entrevistas os autores os quais estudei foram Paul Thompson, Michael Pollak e Antônio Roberto Xavier.

RESULTADOS

A história contada tanto pelo material presente no Museu dos Kanindés, quanto a história oral é muito importante para a preservação dessa identidade; é importante para que a luta pelo reconhecimento e pela autoafirmação não cesse e que seja passada através de gerações, como foi passada para os mais velhos da comunidade.

Entretanto, devemos salientar que, apesar da importância da oralidade, devemos considerar a fragilidade da história oral, a memória por muitas vezes falha e sofre intervenções.

Em virtude disso que a documentação destes relatos se faz muito importante para que preservemos estas histórias, vivências e experiências que são relatadas e perpetuadas dentro da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Kanindés ainda estão construindo sua história. E esta se constrói a partir do museu e da sua representatividade para o seu povo, como também a partir de suas narrativas contadas através das lideranças e dos mais velhos da comunidade, que são passadas de geração em geração.

A tradição oral é uma fonte riquíssima de memórias muito importantes para a comunidade e se faz missão dos jovens indígenas Kanindés manter a cultura e as tradições

vivas, sendo dentro da comunidade, dentro da escola ou do museu, ou até mesmo fora da comunidade aonde quer que eles vão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

GOMES, Alexandre Oliveira. **Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindés do Ceará**. Recife, 2012. 274 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco. 2012.

MALINOVSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. In: **Ethnologia**, n.s, nº 6 – 8, p. 17 – 37, 1997.

OLIVEIRA, João Pacheco. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Edições MEC/UNESCO, 2006. (Coleção: Educação para todos, Série Vias dos Saberes nº 1).

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200 – 212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3 – 15, 1989.

SOARES, Amanda Santos. **Povos Indígenas do Nordeste: a construção dos direitos humanos a partir da mobilização indígena pela reafirmação de sua identidade e demarcação de suas terras**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas. Universidade Federal da Paraíba.

SOUZA, Simone de. (Org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

XAVIER, Antônio Roberto. **A importância da História Oral como fonte identitária de um povo: um resgate da memória**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-historia-oral/20853/>. Acesso em: 15 de abril de 2016.